

## COMPREENDER O GLOBAL A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE LUGAR

**Marcelo Gaudêncio Brito Pureza**

gaudencio@unifesspa.edu.br<sup>1</sup>

**Sonia Maria Vanzella Castellar<sup>2</sup>**

smvc@usp.br

### Resumo

*O presente trabalho tem como objetivo uma proposta de metodologia de ensino em Geografia que possibilite a compreensão do conceito global pelos alunos do ensino Fundamental a partir de estratégias de ensino do conceito de lugar. Acreditamos que o ensino de Geografia na Educação Básica deva possibilitar ao aluno o desenvolvimento de um raciocínio geográfico, para tal, necessita organizar um conjunto de informações e conhecimentos que o ajude a compreender a realidade nas várias escalas geográficas e, cabe ao professor, tornar acessível essa aprendizagem. Sendo assim, o ensino da Geografia a partir das categorias geográficas, como o conceito global, possibilita a compreensão da realidade do aluno a partir da leitura do lugar. Assim, levar a discussão da cotidianidade como conteúdo de Geografia para alunos do ensino fundamental não se trata de um estudo do lugar como conceito fechado e de resistência a elementos de outros lugares (MASSEY, 2000), ao contrário, no lugar se reproduz a totalidade como processo de reprodução ampliada. Contudo, essa análise que relaciona lugar ao global não é uma tarefa simples, exige-se do aluno a reunião de um complexo esforço cognitivo de mediação do conhecimento cotidiano ao conhecimento cientificamente produzido. Para tal, consideramos pensar e lançar proposições metodológicas para a construção dos conceitos geográficos que torne essa relação acessível à aprendizagem do aluno.*

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia, Local-Global, Raciocínio Geográfico.

### Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar uma proposta de metodologia de ensino para o ensino de Geografia do 6º ao 9º da Educação Básica. Através dessa metodologia, desenvolver

---

<sup>1</sup> Professor Assistente da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa); doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da USP; o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

<sup>2</sup> Professora Titular da Faculdade de Educação - USP e do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da USP.



um ensino em que os alunos consigam entender as transformações que ocorrem em seu lugar provocadas pela globalização, ou seja, as influências que o global exerce sobre o local.

Paralelamente a discussão da relação entre lugar e global, discutiremos o ensino de Geografia a partir de duas fundamentações teóricas: o ensino dos conceitos geográficos fundamentado na teoria do significado dos conceitos de Vigotski (1989) e; o ensino da Geografia para alunos da Educação Básica associado à investigação científica, que para tal é necessário uma alfabetização científica (SASSERON; MACHADO, 2017).

A proposta de uma metodologia de ensino que possibilite a compreensão do conceito global a partir do conceito de lugar se faz por acreditarmos que o ensino de Geografia enquanto disciplina escolar, deva contribuir para o desenvolvimento de um raciocínio geográfico, contribuindo para formação de alunas e alunos críticos e capazes de compreender sua realidade.

A construção dos conceitos local e global, especialmente por alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental não só proporciona uma compreensão do conteúdo de forma crítica e reflexiva como contribui para a formação da cidadania, fazendo com que o aluno compreenda que a relação entre lugar e global é repleta de múltiplas particularidades e identidades, tanto locais quanto globais.

O conceito global a partir da leitura do lugar possibilita ao aluno uma compreensão e análise acerca das influências que a globalização provoca no seu cotidiano. Portanto, levar a discussão da cotidianidade como conteúdo de Geografia para alunos do ensino fundamental não se trata de um estudo do lugar como conceito fechado e de resistência a elementos de outros lugares, ao contrário, no lugar se reproduz a totalidade como processo de reprodução ampliada (MASSEY, 2000).

É necessário relacionar os meios de comunicação, comércio (produtos) e serviço presentes no local às características do global, não considerando lugar como espaço de relações fixas e lineares, mas o lugar como o espaço de vivência, dinâmico e repleto de influências do global, com isso, tornar compreensível e concreto a heterogeneidade e flexibilidade do lugar, estando em constante reconstrução e marcado pela diversidade gerada por múltiplas ações externas, assim, construir o conceito global não distante do conceito lugar e vice e versa, ainda que sejam conceitos radicalmente diferentes.

## **Ensinar Geografia através da construção de conceitos**

Aqui há pelo menos duas questões importantes a se considerar, a primeira, refere-se ao papel da Geografia no ambiente escolar. Diante de tantas mudanças ocorridas no mundo nas últimas cinco décadas e da necessidade de tornar o ensino da Geografia um conhecimento capaz de compreender essas mudanças, ao mesmo tempo, enfrentar o desinteresse que há por essa disciplina (STRAFORINI, 2008), torna-se necessário repensar suas práticas em sala de aula, sendo assim, surge um questionamento: quais práticas devem nortear as aulas de Geografia na Educação Básica?

Tenho consciência que não se trata de uma resposta tão simples, exigiria uma discussão bastante complexa que não caberia aqui, por isso proponho discutir esta questão a partir de um ponto, que é a alfabetização científica do conhecimento geográfico.

Sasseron e Machado (2017) fazem uma importante reflexão sobre o que deve ser ensinado nas disciplinas escolares, considerando que no passado as escolas eram lugares privilegiados para adquirir “cultura erudita” já que o acesso à informação não era tão diversificado como hoje, no entanto, na atualidade, com a expansão dos centros de pesquisa, desenvolvimento tecnológico e “fácil” acesso a informações, assim, o que se ensina na escola precisa ser repensado. Repensar o que se ensina na escola nos leva a ter que repensar a própria relação entre o conhecimento acadêmico e conhecimento escolar, geografia acadêmica e geografia escolar.

Será a Geografia enquanto disciplina escolar uma reprodutora de um conhecimento científico e acadêmico, mais ainda, de um conhecimento simplório? Acredito que o papel da disciplina Geografia na escola é de apresentar aos alunos saberes acadêmicos através de práticas científicas associadas a realidade dos alunos, ainda que a função da Geografia enquanto disciplina escolar não seja a de formar geógrafos, e sim, alunos capazes de compreender a realidade de forma crítica e reflexiva.

Abordar as disciplinas científicas em sala de aula deve ser uma atividade conectada com a realidade dos alunos. Neste sentido, teorias e leis científicas precisam ser trabalhadas [...]. Ao mesmo tempo, é necessário considerar a relação entre o que é proposto teoricamente e os fenômenos. (SASSERON; MACHADO, 2017, p. 8-9)

É importante destacar que os objetivos específicos para o desenvolvimento das aulas não devem desconsiderar os aspectos sociais e culturais dos alunos, ou seja, os objetivos que se



pretendem alcançar dever estar em concordância com a realidade dos alunos. Para tal, associado ao desenvolvimento das aulas de Geografia deve-se realizar uma “Alfabetização Científica” como um processo de *enculturação científica* dos alunos ou inserção da cultura científica, cultura esta que possibilite o aluno pensar e interagir com o mundo e seus acontecimentos a partir dessa cultura científica (SASSERON; MACHADO, 2017).

Pensar o ensino escolar considerando uma Alfabetização Científica não se trata de pensar a escola como formação profissional, e sim, pensar a Ciência como forma de conceber a realidade a partir de uma sistematização, sendo assim, exigir-se-ia das aulas de Geografia postura inovadora com relação a seleção dos conteúdos e as metodologias de ensino que embasarão as aulas, também, exige formação docente que possibilite uma prática científica.

Isso significa dizer que os alunos devem participar ativamente de investigações sobre assuntos que envolvam temas científicos, desenvolver habilidades práticas e metodologias de trabalhos científicos. O objetivo é que os alunos não só compreendam o conhecimento de conceitos cientificamente produzidos, mas desenvolvam atividades do “fazer científico” através de metodologia analítica e investigativa

Para o processo de Alfabetização Científica Sasseron e Machado (2017) propõem eixos estruturantes, apresentaremos aqui dois deles:

1) *Compreensão de termos, conceitos e conhecimentos científicos fundamentais*. Este eixo está relacionado à compreensão de conceitos-chave, no nosso caso, fundamental que os alunos construam os conceitos lugar e global. É importante destacar ainda que não se trata de ensinar a definição desses conceitos, mas desenvolver a construção dos conceitos pelos próprios alunos como considera Vigotski (2008) que vê total impossibilidade de um conceito ser transmitido pelo professor ao aluno, isso, seria simplesmente um verbalismo vazio; uma repetição da palavra vaga; uma simulação de conhecimento do conceito, mas que na verdade mascara um vácuo, diria, uma memorização da definição de um conceito e não a compreensão real do conceito.

2) *Compreensão da natureza das Ciências e dos fatores éticos e políticos que circundam sua prática*. Este eixo consiste no desenvolvimento de metodologias de ensino que exercitem o percurso da científica na resolução de problemas, ou seja, a partir do que se objetiva na aula de Geografia, levar os próprios alunos a execução do processo de aquisição e análise de dados,

registros através de observações, interpretação a partir de diferentes resultados, síntese e decodificação de resultados.

A outra questão é referente à construção dos conceitos geográficos, assim, proponho refletir a partir de uma pergunta que Vigotski fez a cerca da formação cognitiva dos conceitos: “*O que acontece na mente da criança com os conceitos científicos que lhe são ensinados na escola?*” (VIGOTSKI, 2008, p. 103).

A aprendizagem do conhecimento geográfico no âmbito escolar, tanto por crianças, adolescentes e adultos, necessita da construção de generalizações da realidade. Ao se construir um conteúdo da realidade, estabelece o ato de pensar determinado assunto ou conteúdo dentro de uma dinâmica da totalidade dos fenômenos espaciais. Essa ação cognitiva não só elabora como reproduz uma abstração da realidade, fundamental para o desenvolvimento dos processos mentais (VIGOTSKI, 2008), conseqüentemente, favorece para o desenvolvimento da relação entre abstração e materialidade, contribuindo para a compreensão de relações complexas.

[...] com base na simples observação, sabemos que os conceitos se formam e se desenvolvem sob condições internas e externas totalmente diferentes, dependendo do fato de se originarem do aprendizado em sala de aula ou da experiência pessoal da criança. [...] Quando transmitimos à criança um conhecimento sistemático, ensinamos-lhe muitas coisas que ela não pode ver ou vivenciar diretamente. Uma vez que os conceitos científicos e espontâneos diferem quanto à sua relação com a experiência da criança, e quanto à atitude da criança para com os objetos, pode-se esperar que o seu desenvolvimento siga caminhos diferentes, desde o seu início até a sua forma final”. (VIGOTSKI, 2008, p. 108)

Ruy Moreira (2008) faz uma reflexão interessante quando discute a relação entre mundo e ideia, considerando a ideia como uma leitura da realidade, portanto, uma representação do que há no mundo, sendo assim, a ideia que temos sobre algo não é uma imaginação simples e natural, mas nossas leituras do mundo. Ainda o mesmo autor afirma que a ideia das coisas está relacionada com dois campos da filosofia, o *campo sensível* e o *campo intelectual*.

O campo sensível é o terreno dos sentidos (a visão, o tato, a audição, etc.) e da percepção (as sensações reunidas numa única imagem em nossa mente). O campo intelectual é o terreno do pensamento e dos conceitos. Esses dois campos se interligam através de nossas práticas. (MOREIRA, 2008, p. 106)

Portanto, se o conceito é a realidade sensível traduzida pela construção do intelecto, ou seja, uma representação da realidade e se, torna-se necessário mobilizar o campo sensível e



intelectivo do pensamento para se compreender a realidade, pressupõe que a construção dos conceitos geográficos exige o desenvolvimento de muitas funções intelectuais: atenção deliberada, memória lógica, abstração, capacidade para comparar e diferenciar (VIGOTSKI, 2008).

Tomando como referência os experimentos de Tolstoi (*idem*), afirma ser impossível compreender um conceito através da explicação do significado da palavra, é necessário oportunizar a criança por meio da contextualização linguística geral para que ela adquira novos conceitos e palavras. As palavras, inicialmente, constituem-se como generalizações primitivas, conforme o intelecto da criança vai desenvolvendo as mesmas palavras vão sendo substituídas por generalizações mais complexas.

Considerando que os conceitos são representações da realidade e os conceitos não são construídos simplesmente a partir da definição das palavras, torna-se necessário (re)contextualizar as palavras passem de leituras simples para complexas, e assim, cognitivamente os alunos construam os conceitos.

### **O lugar e o global no ensino de Geografia**

Proponho aqui o desenvolvimento do conceito global a partir do lugar dos alunos, tendo como base metodológica a *Teoria da Construção dos Conceitos* a partir de *duplos estímulos* propostos por Vigotski (1989), e a partir do conceito de lugar abordado por Doreen Massey (2000).

Considerando que o método de estimulação dupla leva os alunos a mobilizarem novas ferramentas psicológicas e práticas para a resolução de problemas, pois, quando se deparam com situações problemáticas que não podem resolver com os conhecimentos e ferramentas psicológicas que possuem, precisam mobilizar novas ações para obter êxito. Esse método ocorre a partir de estímulo: o primeiro acontece com o desenvolvimento de uma tarefa ou problema a ser solucionado; o segundo refere-se a um estímulo neutro, em que cada aluno resolverá a sua maneira, sem a imposição do professor.

O estudo do cotidiano na Educação Básica, particularmente no ensino de Geografia, torna-se importante não somente por considerar a reprodução da vida cotidiana, mas, por desvelar a influência que a reprodução das relações sociais, culturais, econômicas e políticas

que ocorrem a nível mundial. O lugar, ao passo que pode revelar particularidades, por ser dinâmico, revela aspectos do global (MASSEY, 2000; CARLOS, 2007).

Contudo, essa análise que relaciona lugar ao global não é uma tarefa simples, principalmente quando se trata do ensino fundamental, exige-se do aluno a reunião de um complexo esforço cognitivo de mediação de suas experiências cotidianas ao conhecimento cientificamente produzido e vice-versa. Para tal, consideramos pensar e lançar estratégias para a construção dos conceitos geográficos que torne essa relação acessível à aprendizagem do aluno.

O que será proposto a seguir não é uma sequência definitiva, mas, geral, para que possa ser adaptado e recriado pelo professor de Geografia. Segue-se:

1ª Etapa: estabelecer a delimitação do espaço vivido por cada aluno a partir de registros de nomes de ruas e bairros e de seus elementos presentes.

2ª Etapa: propor aos alunos que verifiquem, dentro do seu espaço de vivência, tipos de estabelecimentos comerciais, industriais, serviços.

3ª Etapa: após a verificação dos locais, os alunos irão junto com o professor construir uma tabela de dados especificando os produtos ou serviços que estão presentes no local.

4ª Etapa: identificar quais as marcas de produtos e serviços foram encontradas dentro da sua coleta de dados, se esses produtos são de âmbito global e como a mídia os disseminam dentro do seu espaço de vivência.

5ª Etapa: discutir com os alunos, baseando-se na coleta dos dados obtidos pelos mesmos, fazendo com que eles entendam que dentro do seu espaço de vivência existem diversas influências do global.

6ª Etapa: logo após as discussões em sala de aula, será proposto uma atividade de pesquisa aos alunos através da internet, jornais e revistas, em que os mesmos verificarão a existência desses estabelecimentos locais que estão presentes também no âmbito do global.

7ª Etapa: os mesmos verificarão através de entrevistas com família, amigos e vizinhos sobre a influência desses estabelecimentos no cotidiano do seu lugar.

8ª Etapa: apresentação individual (livre) do cotidiano de cada aluno e a presença e suas vidas dos elementos do global.

Com base na aplicação da metodologia de duplo estímulo esperamos que os alunos consigam:



1) construir seus próprios conceitos de global e lugar, dessa forma, os alunos desenvolvem habilidades de autonomia quanto à construção de conceitos, não só do lugar e global, mas também, passo inicial para a construção dos demais conceitos que englobam o pensamento geográfico;

2) Compreendam que o seu local de vivência está repleto do global; 3) que o lugar é dinâmico e heterogêneo pois é resultado de um conjunto de diversidades sociais, culturais e econômicas o que o torna heterogêneo.

Portanto, o lugar sendo visto a partir das influências do global possibilita aos alunos identificarem as diversidades existentes em seu bairro e na escola, podendo analisar as transformações ocorridas no seu local de vivência, fazendo com que os mesmos percebam e entendam as causas dessas transformações.

### **Considerações finais**

Globalização diz respeito à forma de como os lugares interligam e aproximam as pessoas, ou seja, interliga o mundo, levando em consideração aspectos econômico, social e cultural, sendo assim, a análise da globalização e suas transformações influenciam no espaço, nos estilos de vida e nas relações que ocorrem dentro do lugar.

Portanto, essa opção, em pesquisar metodologias voltadas para o ensino de Geografia do ensino fundamental e de escolas públicas do município de Marabá, não só procura orientar metodologias capazes de tornar acessível a aprendizagem de alunos com e sem *déficits* de aprendizagem, como também, promove uma leitura crítica dos reflexos da formação dos professores de Geografia e sua prática de ensino em relação à práticas exitosas, mapeando potencialidades e limitações no cotidiano do professor de Geografia em sala de aula.

Entendendo que a Geografia enquanto disciplina escolar, presente no currículo da educação básica de nosso país, deva ter como principal preocupação a formação de crianças, jovens e adultos capazes de entender de forma crítica e autônoma a realidade local, regional e global. Para tal, é necessário oferecer condições teórico-práticas e instrumentalização para que possam apreender o processo de (re) produção do espaço através do desenvolvimento de habilidades analíticas, reflexivas e crítica sobre o mundo, assim com tornarem-se sujeitos participantes ativos das transformações que se fazem necessárias para o combate à exclusão social.

Esta preocupação não pode ficar restrita a formação dos alunos matriculados na Educação Básica, também aos cursos de formação de professores, em especial aos de Geografia, já que estes cursos formarão professores que atuarão no ensino fundamental e médio da Educação Básica.

### Referências bibliográficas

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

COUTO, Marcos Antônio Campos. Pensar por conceitos geográficos. In: CASTELLAR, Sonia (Org.). **Educação geográfica: teorias e práticas docentes**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2011. (Novas abordagens, GEOUSP; v. 5)

MASSEY, Doren. Um sentido global de lugar. In: ARANTES, Antônio A. **O espaço da diferença**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 2008.

SASSERON, Lúcia Helena; MACHADO, Vitor Fabrício. **Alfabetização científica na prática: inovando a forma de ensinar Física**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017. (Série Professor Inovador)

STRAFORINI, R. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. São Paulo: Annablume, 2008.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.